

Prêmio ABCA 2023

VERBETES

FINALISTAS PRÊMIO ABCA 2023

1. Prêmio Gonzaga Duque: destinado a crítico associado, pela sua atuação ou publicação de livro.

1. Alecsandra Matias de Oliveira

Alecsandra Matias de Oliveira possui doutorado em artes visuais (ECA USP) e pós-doutorado pela Universidade da UNESP. Sua atuação abrange diversas áreas, incluindo curadoria independente, docência no CELACC (Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação ECA USP) e pesquisa no Centro Mario Schenberg de Documentação e Pesquisa em Artes (ECA USP). Como membro da Associação Internacional de Crítica de Arte (AICA), ela também contribui como articulista do Jornal da USP, editora da Revista Arte & Crítica e colaboradora da DasArtes. Além disso, é autora de obras como "Schenberg: Crítica e Criação" (EDUSP, 2011) e "Memória da Resistência" (MCSP, 2022). Como crítica de arte tem voltado seu olhar para a produção afro-indígena, trazendo a tona discussões sobre identidade, representatividade e resistência na arte contemporânea brasileira e latino-americana, ampliando o diálogo sobre questões étnico-raciais e de colonialidade no campo artístico. Seu trabalho como crítica de arte também destaca a importância da inclusão de perspectivas plurais e diversas, valorizando a produção de artistas negros e indígenas, e promovendo reflexões sobre as relações entre arte, memória coletiva e transformação social.

2. Afonso Medeiros

Paraense de Belém, Afonso Medeiros é crítico, professor titular e historiador da arte da FAV e do PPGARTES da UFPA, além de pesquisador 1D do CNPq. Na Universidade Federal do Pará (onde atua desde 1989), exerceu cargos diretivos no Núcleo de Artes (2002-06), no Instituto de Ciências da Arte (2006-10) e no Programa de Pós-Graduação em Artes (2011-14; 2020-21).

Autor de O imaginário do corpo entre o erótico e o obscuro (2008) e A arte em seu labirinto (2013), foi coorganizador de Corpos em divergência (2022) e Fronteiras e alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade (2014). Começou sua atividade crítica na extinta Cultura Vozes (1999), publicando desde então em catálogos, revistas e periódicos brasileiros, japoneses, argentinos, portugueses e espanhóis.

Graduado em Educação Artística/Artes Plásticas (UFPA, 1985), é especialista em Belas Artes/História da Arte pela Shizuoka University (Japão, 1988); mestre em Ciências da Educação/Arte-Educação também pela Shizuoka University (Japão, 1996) e doutor em

Comunicação e Semiótica/Intersemiose na Literatura e nas Artes pela PUC-SP (2001) – com estágio na Japanese-Language Institute de Kansai (2000) e tese sobre o acervo de gravuras ukiyoe do Instituto Moreira Salles. Foi Postdoctoral Visiting Scholar na University of Kassel (2003) e fez estágio pós-doutoral no PPGDTSA da UNIFESSPA (2017-18). Foi Vice-Presidente (1990-92) e Diretor de Relações Institucionais (2011-12) da Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB) e Presidente da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP, 2013-14). Desenvolve desde 2022 o projeto de pesquisa Iconografias das (in)diferenças: contradições da historiografia da arte na (re)configuração da modernidade, investigando as dialéticas entre identidades e representatividades locais/globais nos fluxos e refluxos entre o moderno e o contemporâneo.

3. Felipe Chaimovich

Felipe Soeiro Chaimovich é doutor em Filosofia pela USP (1998) e professor livre docente pela USP desde 2023. Ao longo de sua carreira Chaimovich ocupou importantes posições no cenário cultural brasileiro. Foi crítico de arte da Folha de São Paulo de 2000 a 2006 e curador do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) de 2007 a 2019. Também foi professor temporário do Museu de Arte Contemporânea da USP de 2021 a 2022 e atualmente é professor titular pleno de história da arte contemporânea e crítica de arte na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e Faculdade Santa Marcelina. Entre suas curadorias destacam-se "Obra em Contexto: Iran do Espírito Santo" (São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da USP, 2000), "Capela Sistina" (São Paulo: Galeria Luisa Strina, 2000) e "2080 – um painel artístico dos anos 80 com 50 obras de 37 países". Ele também é autor de obras como "Iran do Espírito Santo" (São Paulo: Cosac e Naify, 2000). Entre 2022 e 2023 Chaimovich atuou como curador do Museu Judaico de São Paulo desenvolvendo uma série de curadorias. Entre as mais recentes destaca-se *Boris Lurie – Arte, Luto e Sobrevivência*, exposição que percorreu o legado do artista por meio de uma série de trabalhos atravessados pela memória do Holocausto e pelas relações entre arte, história e política.

2. Prêmio Mario Pedrosa: destinado a artista contemporâneo.

1. Dalton Paula

Dalton Paula (Brasília, DF, 1982). Vive e trabalha em Goiânia. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás (UFG), trabalha com pintura, desenho, vídeo, performance e objetos em torno das histórias e vivências afro-brasileiras. Dalton Paula pesquisa personagens negras nas histórias brasileiras que não têm representação visual, com o intuito de dar rosto a elas. Em sua obra, discute o corpo silenciado no meio urbano. Participou de diversas exposições no Brasil e no exterior. Em 2021 participou da exposição "Enciclopédia Negra", na Pinacoteca de São Paulo; em 2020 fez sua primeira exposição individual "Dalton Paula: um sequestrador de Almas", em Nova York, na Alexander and Bonin Gallery. No ano de 2019 foi um dos cinco premiados da 7ª edição do Prêmio CNI SESI SENAI Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas; e também expôs no "36º Panorama da Arte Brasileira: Sertão", no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM),

entre outras. Em 2017 participou da exposição “The Atlantic Triangle” (Instituto Goethe em Lagos/Nigéria) e no ano de 2016 foi um dos artistas convidados para a 32ª Bienal de São Paulo. Indicado ao Prêmio PIPA 2017 e 2018.

2. Pablo Mufarrej

Pablo Mufarrej – (Belém, Pará, 1982). Pablo Mufarrej possui mestrado em Artes Visuais e graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atua como técnico em gestão cultural da Fundação Cultural do Pará e professor pela Secretaria de Estado de Educação (PA). Atualmente desenvolve trabalhos que têm o vestígio, o fragmento e a apropriação como motes para investigações poéticas nas mais variadas técnicas, suportes e espaços. Mufarrej tem nas gravuras, pinturas e instalações os motes de sua produção artística. Participou de diversas exposições coletivas no Brasil e exterior, com destaque para: *Alastramento / apropriações possíveis Belém X São Paulo*. Ateliê 397, São Paulo (SP) 06/2015; CCBEU/MABEU 09,10/2014 - Salvador (BA), MAM/BA 11/2014; *XV ème Biennale Internationale de La Gravure de Sarcelles - Sarcelles /França - 12/2011*; Coletiva de gravura brasileira e francesa na *bibliothèque de Lyon 2*, - França. 10/2011; entre outras. Foi bolsista do extinto Instituto de Artes do Pará - IAP em 2007 e premiado em diversos salões de arte do Pará, entre eles Arte Pará e Salão Unama de Pequenos Formatos. Possui obras em acervos do Centro Cultural Brasil Estados Unidos, Fundação Rômulo Maiorana, Casa da Memória / Unama, Galeria Gravura Brasileira (SP), Museu de Arte de Belém e Museu Casa das Onze Janelas.

3. Sérgio Adriano H.

Sérgio Adriano H. (1975, Joinville, SC) – Vive e produz entre Joinville e São Paulo. Formado em artes visuais e mestre em filosofia. Contabiliza 35° Premiações em Artes, mais de 180 exposições, incluindo: Performance “desCOLONIZAR CORpos”, *Institut national d’histoire de l’art*, Paris – França, 2023; 13ª e 14ª Bienal Internacional de Curitiba, 2019/17; 8ª Bienal Argentina, 2018; Possui obras em acervos públicos e privados, dentre os quais: Museu de Arte Contemporânea – MAC USP; Museu de Arte do Rio – MAR; Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM.

O artista, por meio de objetos, fotografias e vídeos, aborda questões existenciais pensadas no contexto do sistema simbólico chamada de "verdade apresentada", "verdade fabricada" e "fake news". Temas como vida, morte, identidade racial, gênero, violência, invisibilidade e apagamento social são tratados dentro do conceito da "decolonialidade". Sua produção reflete uma abordagem crítica e social, destacada por meio de performances, instalações e objetos criados para provocar novas formas de pensar. Sua pesquisa propõe pensar nas histórias ausentes, nas palavras não ditas e nas "palavras tomadas", dando voz ao silenciado e explorando as fronteiras entre a história social ocultada e a apresentada, em um "P.S." que reivindica o legado ancestral.

3. Prêmio Sergio Milliet: destinado a um pesquisador (associado ou não), por trabalho de pesquisa publicado.

1. Sonia Gomes Pereira – Livro: Más notícias. São Paulo: EDUSP, 2023.

A obra *Más Notícias*, de Rodolfo Amoedo (1857-1941), datada de 1895, fez parte da Segunda Exposição Geral da Escola Nacional de Belas-Artes, e hoje se encontra no Museu Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro. Rodolfo Amoedo foi aluno de Alexandre Cabanel (1823-1889) e de Puvis de Chavannes (1824-1898), ele foi professor de Eliseu Visconti (1866-1944) e Candido Portinari (1903-1962).

Neste livro, Sonia Gomes Pereira se propõe a analisar a pintura e, através dela, apontar os caminhos artísticos que se apresentavam a Amoedo — assim como a seus contemporâneos pintores — no ambiente artístico brasileiro do final do século XIX. Para a autora, a confrontação é uma ferramenta fecunda na análise de uma obra de arte, e a comparação desta obra com outras de pintores contemporâneos e do próprio Rodolfo Amoedo revelou ainda mais a importância deste quadro. O livro inaugura a coleção *Prismas*, da EDUSP, dedicada a publicar estudos aprofundados de uma obra de arte, nacional ou internacional, pertencentes às coleções brasileiras, escritos por grandes especialistas.

2. Mariza Bertoli, *in memoriam* - Livro : O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola. Cuiabá: Editora Entrelinhas, 2023.

Mariza Bertoli *in memoriam*, pelo livro “O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola”, sobre Humberto Espíndola (1943 – MS), publicado em 2023. Pintor e desenhista, foi o primeiro secretário de Estado de Cultura de Mato Grosso do Sul de 1987 a 1990 e organizou, com Aline Figueiredo, a Primeira Exposição dos Artistas Mato-Grossenses, em Campo Grande, onde fundaram, em 1967, a Associação Mato-Grossense de Arte. Conquistou uma posição histórica no capítulo da descentralização da arte brasileira e deu vazão às artes de Mato Grosso em um tempo de isolamento do oeste brasileiro, expondo nas bienais internacionais de Paris, Veneza, Medellín, Havana, São Paulo.

Com 322 páginas, a publicação foi feita pela editora Entrelinhas. Sobre o apoio da Secel-MT, inaugura um novo momento para os artistas de Mato Grosso ao valorizar obra e trajetória artística com uma publicação de padrão internacional. O trabalho é resultado de suas pesquisas de mestrado e doutorado.

3. Maria de Fátima Morethy Couto – Livro: A Bienal de São Paulo e a América Latina: trânsitos e tensões (1950-1970). Campinas: Editora Unicamp, 2023

Maria de Fátima Morethy Couto - e o livro *Bienal de São Paulo e a América Latina – Trânsitos e Tensões (1950-1970)*, lançado em 2023, publicado pela Editora Unicamp. A obra analisa a importância e a repercussão da introdução da Bienal de São Paulo no circuito artístico da América do Sul nos anos 1950 e 1960. Visa demonstrar que, mesmo jamais adotando uma postura latino-americanista, as primeiras bienais realizadas no Brasil propiciaram o fortalecimento de intercâmbios regionais nos anos 1960, bem como impulsionaram a criação de novas mostras de arte contemporânea, de caráter recorrente, em diferentes países vizinhos, ao fornecer um modelo bem-sucedido de aliança

cultural-empresarial e de grande ganho simbólico. Discute algumas dessas mostras, que assumiram um discurso crítico, de oposição à excessiva valorização de teorias, projetos e obras concebidos nos centros hegemônicos de poder. Por fim, aborda o sistema de premiação posto em prática por esses espaços de legitimação e analisa a recepção do trabalho de artistas latino-americanos na Bienal de Veneza, nas décadas citadas. Quer saber mais? < <https://www.youtube.com/live/PePEuPDMbnI?si=t1KqNlxLQjXAJDZS>>

4. Prêmio Cicillo Matazazzo: destinado à personalidade atuante no meio artístico.

1. Orandi Momesso

Orandi Momesso, de 74 anos, colecionador, curador paranaense que idealizou projeto de parque de exposição de arte Geminiani Momesso em Ibiporã (Paraná) para abrigar sua coleção de arte com mais de 5 mil obras. Dois dos doze pavilhões do parque já foram abertos a um público seletivo, num espaço de “paisagismo exuberante” em meio a 700.000 m² de Mata Atlântica. A inauguração definitiva deve ocorrer em 2025. O parque conta com mais de 60 esculturas a céu aberto de artistas como Rubem Valentim, Siron Franco, Sergio Romagnolo, Gilberto Salvador, José Rezende, Lluba Wolf e Claudio Tozzi. A nova instituição artística está ligada a um comitê de diretores no recém-criado Instituto Luciano Momesso, que trabalha na composição de um programa educativo que contemple estudantes e famílias de Ibiporã, onde está localizado, e de municípios do entorno, como Londrina, Maringá, Cornélio Procopio, e a cidadezinha de Santa Mariana. Além das esculturas, os pavilhões abrigam pinturas, gravuras e arte popular, que também é objeto de coleção de Momesso, com 1000 itens. A publicação de livros complementa o projeto de exposição e difusão pública da coleção. “A ideia de organizar publicações de artistas é também uma forma de compartilhar com o público recortes da coleção, que é super eclética; abrange arte colonial, mobiliários coloniais e modernos, prataria sacra, obras dos séculos 17 e 18 e arte moderna”. Fonte: <https://select.art.br/colecionador-curador-orandi-momesso/>

2. Adriano Pedrosa

Adriano Pedrosa é curador, ensaísta e diretor Artístico no MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand desde 2014. Foi cocurador da 27ª Bienal de São Paulo e curador responsável do Museu de Arte da Pampulha. Formado em direito pela UERJ e com pós-graduação em artes visuais e curadoria, tem experiências de curadoria nacional e internacional em diferentes países, como Estados Unidos, Turquia, Canadá, Jordânia e México. No MASP, coordenou relevantes exposições, incluindo mostras individuais dedicadas às obras de Tarsila do Amaral, Anna Bella Geiger, Ione Saldanha, Maria Auxiliadora, Gertrudes Altschul, Beatriz Milhazes, Wanda Pimentel e Hélio Oiticica. Destaca-se, também, a série dedicada a diferentes histórias: Histórias da infância (2016), Histórias da sexualidade (2017), Histórias Afro-atlânticas (2018), Histórias de mulheres, histórias feministas (2019), Histórias da dança (2020) e Histórias brasileiras (2022). Atualmente é curador da Bienal de Veneza (2024).

3. Sandra Benites

Sandra Benites é antropóloga e curadora indígena Guarani cujas propostas curatoriais têm se destacado por enfatizar as cosmovisões indígenas e por colocar as mulheres indígenas como protagonistas. Ela atuou como curadora do Museu das Culturas Indígenas em São Paulo e foi a primeira curadora indígena do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), onde teve participação na exposição "Histórias Brasileiras". Benites é mestra em Antropologia Social pelo programa de pós-graduação do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), desenvolvendo um trabalho que destaca as histórias coletivas das mulheres indígenas. Desde 2019, está envolvida em pesquisa de doutorado na UFRJ. Sandra Benites ainda lecionou em diversas instituições americanas, incluindo o Hammer Museum, o MoMA e o Harvard's Peabody Museum. Seu nome se destaca entre outras intelectuais indígenas como Joziléia Daniza Kaingang, Rosi Waikhon, Braulina Baniwa, Naine Terena, Creuza Prumkwyj Krahô, Célia Xakriabá, contribuindo para o reconhecimento e valorização da cultura e das perspectivas das comunidades indígenas .

5. Prêmio Mário de Andrade: destinado a crítico de arte, pela trajetória.

1. Pedro Martins Caldas Xexéo (*in memoriam*)

Pedro Pedro Martins Caldas Xexéo, *in memoriam* (Natural de Bagé, RS, 1944-2024). Museólogo, Curador e Crítico da Arte. Iniciou sua atividade no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, MG, em 1972. Ingressou como Conservador no Museu Nacional de Belas Artes, em 1974, onde desempenhou diversas funções: Coordenador Técnico e Diretor – Substituto, de 1978 a 2001, tendo sido Curador de Pintura Brasileira de 2001 até 2013, quando se aposentou. Atuava nas áreas de Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro e História e Crítica da Arte. Seu interesse pela história da arte no Brasil se fixou no século XIX e primeiras décadas do século XX, tendo publicado diversos livros “*Aspectos da Paisagem Brasileira (1816–1916)*”; “*A Luz da Pintura no Brasil*”; “*Missão Francesa*”; “*Alegoria às Artes – Léon Palliere*” e, co-autor dos livros “*Nicolas Taunay no Brasil: uma leitura dos Trópicos*”; “*The First Mass in Brazil, of Vítor Meireles*”; e “*Portinari – Coleção Museu Nacional de Belas Artes*”, além de ensaios em catálogos e periódicos especializados. Realizou curadoria de exposições no Brasil e no exterior, envolvendo segmentos da arte brasileira oitocentista, moderna e contemporânea. Em 2024, após seu falecimento, em agradecimento à excelente colaboração em seus projetos, o Real Gabinete Português de Leitura atribuiu-lhe o título de “Sócio Benfeitor”. Xexéo também era membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte/ABCA .

2. Moacir dos Anjos

Moacir dos Anjos - Nascido em 1963, na capital pernambucana, foi diretor do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães –MAMAM (2001-2006). Fez parte da equipe de coordenação curatorial do programa Itaú Cultural Artes Visuais, de 2001 a 2003. Também desenvolveu co-curadoria em 2007 na Bienal do Mercosul, em Porto Alegre. Foi curador da Bienal “*Panorama da Arte Brasileira*” que decorreu em 2007 no Museu de Arte Moderna de São

Paulo. Também foi curador da 29ª Bienal de São Paulo (2010) - “*Há sempre um copo de mar para o homem navegar*” e das exposições *Cães sem Plumaz* (2014), no MAMAM, *A Queda do Céu* (2015), no Paço das Artes, São Paulo, *Adornos do Brasil Indígena – Resistências Contemporâneas* (2016), no SESC Pinheiros, São Paulo, e *Travessias 5 – Emergência* (2017), no Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro. É autor, entre outros, dos livros *Local/global. Arte em trânsito* (2005) e *ArteBra crítica* (2010); *Contraditório. Arte, Globalização e Pertencimento* (2017) e *Ataque à Indiferença. Ensaio sobre arte e política* (2024, no prelo). Moacir dos Anjos é pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife e Coordenador-Geral do Museu do Homem do Nordeste. Membro do Comitê de Indicação do Prêmio PIPA 2010, 2022 e 2024. Membro do Conselho do Prêmio PIPA de 2011 a 2021.

3. Maria José Justino

Maria José Justino (1946) por seu trabalho em pesquisa, direção de instituições, curadorias e publicações no campo das artes visuais.

Maria José Justino nasceu em Cachoeirinha do Una, no sertão de Pernambuco, em 1946. Estudou Filosofia na UFPR, em Curitiba e também se graduou em Pintura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Possui mestrado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983) e doutorado em Estética e Ciências das Artes pela Universidade de Paris VIII (1991). Atua como curadora independente.

Entre suas obras, destacam-se “*Guido Viaro/Um Visionário da Arte*”; “*Frans Krajcberg, a Tragicidade da Natureza pelo Olhar da Arte*”;

“*O Banquete Canibal Modernidade em Tarsila do Amaral*”; “*Seja Marginal, Seja Herói: Modernidade e Pós Modernidade em Hélio Oiticica*”; “*Mulheres na Arte. Que Diferença Isso Faz?*” Nesse livro, Por meio do estudo de artistas plásticas emblemáticas (como a mexicana Frida Kahlo e a brasileira Lygia Clark), a autora recoloca em discussão a pergunta sobre a diferença de gêneros na arte. Suas mais recentes exposições como curadora foram “*O que é original* (2019)”; “*Fernando Velloso por ele mesmo* (2020)”, “*Schwanke, uma poética labiríntica* (2021)”; “*Os significadores do insignificante* (2021-2022)”. Maria José Justino é membro da ABCA.

6. Prêmio Clarival do Prado Valadares: destinado a artista, pela trajetória.

1. Anna Bella Geiger

Anna Bella Geiger é uma artista proeminente no cenário da arte brasileira. Ela nasceu no Rio de Janeiro em 1933 e se destacou como uma das pioneiras da arte contemporânea no Brasil. Depois de estudar desenho com Fayga Ostrower inicia o aprendizado de gravura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (RJ), onde passa a lecionar três anos mais tarde. Sua obra é marcada por uma abordagem experimental e inovadora, que desafia as convenções estabelecidas. Geiger é conhecida por sua utilização de diferentes mídias, incluindo pintura, gravura, fotografia e instalação. Sua arte, muitas vezes, aborda temas como identidade, memória, e as relações entre o indivíduo e o ambiente urbano. Ao longo

de sua carreira, Anna Bella Geiger recebeu reconhecimento nacional e internacional, contribuindo significativamente para o cenário artístico brasileiro e deixando um legado duradouro na história da arte. A partir da década de 1990, emprega novos materiais e produz formas cartográficas vazadas em metal, dentro de caixas de ferro ou gavetas, preenchidas por encáustica. Suas obras situam-se no limite entre pintura, objeto e gravura. A artista possui uma grande quantidade de exposições individuais e coletivas. Possui livros publicados como autora e sobre sua obra, principalmente catálogos de suas exposições.

2. Paula Sampaio

Paula Sampaio é uma artista brasileira contemporânea nascida em Belo Horizonte (MG), mas aos 17 anos escolheu a cidade de Belém (PA) para morar. cursou na Universidade Federal do Pará (UFPA) Comunicação Social com habilitação em jornalismo. Tem larga experiência na área de atuação, já que foi repórter fotográfica e documentarista de diversas instituições – Jornal Diário do Pará, Secretaria de Cultura e Universidade Estadual do Pará. Atuou como gerente do grupo técnico na área de Artes Visuais do Instituto de Artes do Pará, como repórter-fotográfica e como editora assistente de fotografia do jornal O Liberal, em Belém (PA). Tem se dedicado desde 1990 à realização de projetos e ensaios fotográficos sobre os processos de migração e colonização na Amazônia, nos quais busca se inspirar no cotidiano das comunidades, que vivem às margens das grandes estradas abertas na região nos últimos 50 anos, nas áreas de exploração mineral e hídricas e comunidades quilombolas. Recebeu vários prêmios, distinções, indicações e menções durante o seu percurso profissional. Diversas obras de sua autoria estão em museus e instituições nacionais e internacionais. Em seu currículo encontram-se exposições individuais e coletivas. Possui livros e ensaios publicados relacionados a sua obra profissional. Na atualidade continua atuando em suas diferentes áreas.

3. Amador Perez

O artista Amador Perez nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1952. Reside e mantém seu ateliê nessa cidade. Foi aluno do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no período dos anos 1960 e 1970, tendo como professores Aloísio Carvão e Anna Bella Geiger, entre outros. cursou de 1971 a 1973 a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRJ, transferindo-se para a Escola de Belas Artes/UFRJ, em 1973, para o curso de Desenho Industrial (Projeto Gráfico). Nas décadas de 1970 e 1980 participou de Salões de Arte onde obteve, entre outras premiações, o 1º Prêmio de Desenho do 8º Salão Carioca de Arte e o 1º Prêmio "Governador do Estado" do 4º Salão Paulista de Arte Contemporânea. Na atualidade dedica-se as atividades como artista plástico e ao magistério desde o ano de 1991, no Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. As exposições individuais e coletivas também fazem parte da sua carreira estando muitas de suas obras em Instituições e em coleções particulares. Tem livros publicados como o que contém os desenhos da série: *Nijinski: imagens*, 1983 e reproduzidos também em 1988 na forma de posters. A *Coleção do Artista*, 1999, é uma visão retrospectiva de sua obra.

7. Prêmio Maria Eugênia Franco: destinado a curadoria de exposições.

1. Daisy Peccinini, O Feminino na Obra de Victor Brecheret, realizada no Museu Oscar Niemeyer (MON) , Curitiba, Paraná, 2023.

A exposição *O feminino na Obra de Victor Brecheret* com curadoria de Daisy Peccinini foi realizada no Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba, de 22 de setembro de 2023 a 21 de janeiro de 2024. A curadora retorna a debruçar-se sobre Victor Brecheret, que já havia sido tema de exposições e de publicações suas anteriores, como em 2010, o catálogo de exposição *Brecheret: mulheres de corpo e alma*. Uma das maiores especialistas no trabalho do artista, Daisy Peccinini também publicou em 2004, *Brecheret e a linguagem das formas*; em 2011, *Brecheret e a Escola de Paris*; e em 2011, *Brecheret: a linguagem das formas*. Na exposição que marca a candidatura deste ano, o espectador encontrou mais de 100 obras, dentre elas pequenas, médias e grandes esculturas em bronze e em mármore e 80 desenhos realizados em bico de pena e caneta tinteiro de figuras femininas. Daisy Peccinini descreveu a exposição como sendo uma exposição de “essência de Brecheret”. A curadora afirma que a temática para a exposição emergiu da análise de 200 desenhos do artista pertencentes ao acervo do Instituto Victor Brecheret. Identificou nos trabalhos predominantemente de nus femininos a relação com o simbolismo feminino da Terra, a Grande Mãe, a deusa Gaia, Geia, dos gregos, o elemento primordial e latente de uma potencialidade geradora ilimitada.

Fonte: <https://www.museuoscarniemeyer.org.br/noticias/noticia-09-14-23>

2. Deri Andrade, Encruzilhadas da arte afro-brasileira, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) - São Paulo, 2023-2024.

Deri Andrade é pesquisador, curador e jornalista. Mestre em Estética e História da Arte (Universidade de São Paulo - USP), especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais (CELACC - Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação - USP) e formado em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo (Centro Universitário Tiradentes - Unit). Curou exposições individuais e coletivas no Brasil e em países como Inglaterra e Itália. Interessa-se por arte contemporânea, com foco nas poéticas de artistas negros/as/es e desenvolveu a plataforma Projeto Afro, resultado de um mapeamento de artistas negros/as/es em âmbito nacional. Tem passagens por instituições culturais, como o Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Unibes Cultural e o Instituto Brincante. Atualmente é Curador assistente no Instituto Inhotim. A exposição “Encruzilhadas da arte afro-brasileira” reúne obras produzidas por 61 artistas negros, de diferentes regiões, nos últimos dois séculos no Brasil. São cerca de 150 pinturas, fotografias, esculturas, instalações, vídeos e documentos abordando uma variedade de temáticas, técnicas e descritivos, distribuídos pelos cinco andares do CCBB. A exposição busca recontar outra história da arte brasileira a partir da produção de artistas negros. Elencando cinco nomes fundamentais das artes visuais no Brasil, Arthur Timótheo da Costa, Lita Cerqueira, Maria Auxiliadora, Mestre Didi e Rubem Valentim, e os relacionando com cerca de 60 artistas contemporâneos de todas as regiões do País, a mostra propõe um diálogo transversal abrangente e plural da produção artística afro-brasileira com pinturas, fotografias, esculturas, instalação, vídeo e documentos.

3. Mariano Klautau Filho (coordenação geral), *À sombra do meu eu*, com mais os curadores Jorge Eiró e Yasmin Gomes, realizada na Galeria de Arte Graça Landeira, da Universidade da Amazônia (UNAMA), 2023.

Mariano Klautau Filho (curador geral), Jorge Eiró e Yasmin Gomes, pela curadoria da exposição "*À sombra do meu eu*", individual de Elieni Tenório realizada na Galeria de Arte Graça Landeira, Museu de Arte da UNAMA (Universidade da Amazônia), Belém (PA). Mariano Klautau Filho vem se dedicando à criação, à pesquisa, à curadoria e à crítica desde os anos 1990. Em sua trajetória, destaca-se a coordenação do projeto de exposição e publicação "*Fotografia Contemporânea Paraense - Panorama 80/90*", selecionado pelo programa Petrobrás Artes Visuais em 2002; a coordenação do "*Colóquio Fotografia e Imagem*" realizado pela Associação Fotoativa de 2002 a 2010; a coordenação e curadoria geral do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, criado em 2010 e atualmente em sua 13ª edição; e a curadoria da mostra coletiva "*Antilogias*" (2017), na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doutor em Artes Visuais (USP, 2015). Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP, 1999). É professor da UNAMA desde 2000, atuando na graduação em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura.

8. Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade: destinado à instituição por sua programação.

1. FVCB-Fundação Vera Chaves Barcellos - Viamão (Rio Grande do Sul)

É uma entidade cultural privada e sem fins lucrativos, cuja missão é a preservação, pesquisa e difusão da obra da artista homônima, assim como o incentivo à criação artística e à investigação da arte contemporânea. Tem por metas: a programação regular de exposições, e o estímulo à pesquisa, debates, seminários e projetos editoriais. Suas exposições regulares e gratuitas se debruçam sobre o acervo da instituição, constituído pela coleção de obras de Barcellos e por outros artistas contemporâneos, brasileiros e estrangeiros. As curadorias das mostras são realizadas pela equipe da Fundação e por historiadores da arte e críticos de referência no campo no sul do Brasil. As mostras são acompanhadas de atividades paralelas, com o intuito de dar suporte ao debate da arte contemporânea. A Fundação dispõe ainda de acervo documental sobre arte contemporânea, aberto à pesquisa pública em seu Centro de Documentação e Pesquisa, em Porto Alegre. Em Viamão, está localizada a Sala dos Pomares, um prédio de 400 m², construído especialmente para abrigar a programação de exposições e atividades e a reserva técnica que abriga o acervo da instituição. O site da fundação registra as exposições ocorridas, as quais contam com a produção de catálogos e com materiais para educativo acessíveis e de qualidade. Fonte: <https://fvcb.com.br/site/>

2. Pinacoteca do Ceará – Fortaleza (Ceará)

Inaugurada em dezembro de 2022, em Fortaleza (CE), a Pinacoteca do Ceará é o museu que salvaguarda, preserva, pesquisa e difunde a coleção de arte do Governo do Estado do Ceará. Sua mostra de abertura, "*Bonito pra chover*", foi composta pela coletiva "*Se Arar*",

com 170 artistas, e pelas individuais em homenagem aos mestres modernistas Ademir Martins, “No lápis da vida não tem borracha”, e Antônio Bandeira, “Amar se aprende amando”. Além de exposições de acervo, a instituição tem acolhido intervenções artísticas e realizado outras mostras temporárias, como “Leonilson: montanhas protetoras e ao longe, vulcões, rios, furacões, mares, abismos e das amigadas”, “Chico da Silva e a Escola do Pirambu” e o II Fotofestival SOLAR. A Pinacoteca do Ceará também tem ofertado uma programação ampla e significativa de ações formativas, como cursos, oficinas, workshops, aulas abertas, editais de pesquisa e criação, que abrangem desde o público especializado até o público em geral. Destaca-se a gratuidade de sua programação e a adoção de medidas de acessibilidade para públicos diversos.

3. MON - Museu Oscar Niemeyer – Curitiba (Paraná)

O projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer do conjunto originalmente pensado para abrigar estrutura governamental administrativa, virou museu em 2002, com a inclusão da edificação hoje conhecida como o Olho. O site do Museu registra 370 exposições realizadas. As exposições realizadas no ano de 2023 foram (algumas das quais em períodos de 2022-2023 e outras 2023-2024): *Mario Rubinsky; Poty, entre dois mundos; Perpétuo movimento: Norma Grinberg; Sou patrono; Sonoridades de Bispo do Rosário; África, Expressões Artísticas de um Continente; Serguei Eisenstein e o mundo; O feminino na obra de Victor Brecheret; Buraco no céu; Tela; Pintura vingada; Afinidades II – Elas!; Jaume Plensa; Luz e Espaço; Carne viva; bancos indígenas do Brasil; Fora das sombras; Ascânio MMM*. Sua programação diversificada celebra tanto artistas de vinculação com o estado do Paraná e da região sul do Brasil quanto nomes das artes visuais nacionais e internacionais, incluindo tendências contemporâneas de visibilidade de arte africana indígena e de artistas mulheres. O museu conta com programas educativos para público de mais de 60 anos (Arte para maiores); para professores (MON na Escola) e um programa dedicado à acessibilidade de pessoas com deficiência (MON para todos). Fonte: <https://www.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes>

9. Prêmio Antônio Bento: difusão das artes visuais na mídia.

1. Zeca Brito (José Teixeira Brito), A arte da diplomacia (filme).

Zeca Brito (José Teixeira de Brito). O filme/documentário “A arte da diplomacia”, do cineasta Zeca Brito, mostra a experiência da diplomacia brasileira em Londres em 1944 e 2018. Trata de cultura, relações internacionais e diplomacia pública e tem por base a tese do diplomata Hayle Gadelha, doutor em relações internacionais pelo Kings College de Londres. Trabalhou nas embaixadas do Brasil em Pequim, Londres, La Paz e Buenos Aires e, como adido cultural na capital britânica, foi responsável pela organização da exposição “A Arte da Diplomacia: o modernismo brasileiro pintado para a guerra”. Zeca Brito é cineasta. Artista visual, roteirista, produtor e diretor de cinema. Bacharel e Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Comunicação Social pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Seu trabalho e seus filmes tem recebido diversos prêmios na área do cinema. Frederico Ruas (o roteirista) é Bacharel

em Artes Visuais pela UFRGS. Cursou Realização Audiovisual na UNISINOS/RS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), especializando-se em Roteiro, Direção e Montagem. Por mais de 20 anos de carreira, atuou em diversas funções do audiovisual.

2. Revista Continente (Pernambuco)

A Revista *Continente* é uma revista contemporânea de jornalismo cultural com periodicidade mensal, produzida em Pernambuco desde 2000 pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe). Disponível atualmente nas versões impressa, digital (eBook) e *online*, consta na apresentação da revista a seguinte descrição: “é uma publicação atual, que acompanha as transformações da cultura, da arte e do próprio jornalismo, galgando seu compromisso com o adensamento de pautas que levem ao pensamento crítico e reflexivo”. Números especiais da revista foram publicados sobre temas como HIV, solidão, *fake news*, silêncio, gordofobia, ciberterror, refugiados no Brasil, luta indígena, militância LGBT, amor, humor, felicidade, ciganos, cicloativismo, *street art*, arte e loucura, *kitsch*, poesia. Também já foram conteúdos abordados o cinema pernambucano contemporâneo, o legado da arteterapeuta Nise da Silveira, os novos museus, o centenário do samba. O escopo engloba cultura popular, cinema, música, artes visuais, gastronomia, literatura, teatro, dança, ópera, circo. Um aspecto fundamental da publicação é estar fora do eixo Rio-São Paulo, “mas com o olhar no horizonte”. Organiza-se em 38 seções, dentre elas: arquivo, memória, perfil, artigo, crítica, documento, ensaio pessoal, portfólio, resenha, crônica, dossiê, ensaio visual, lançamento, relato, tradução. Fonte: <https://revistacontinente.com.br/a-revista>

3. Revista DasArtes (São Paulo)

A Revista Dasartes apresenta-se como “a mais antiga e respeitada revista de artes visuais do Brasil, promovendo a arte desde 2008”. Desde 2015, ela passou a ser 100% digital e gratuita, disponível mensalmente no site www.dasartes.com.br. A revista pretende fomentar o mercado de arte e de produção cultural, incentivando o colecionismo e a visita às exposições e inserindo jovens artistas no mercado. Na descrição da revista lê-se a pretensão de ser “uma importante ferramenta de arte-educação, fornecendo material para professores do ensino primário, e o principal meio de comunicação dos profissionais de arte, como museólogos, curadores, críticos, artistas, galeristas e estudantes de artes plásticas, arquitetura e design”. De fato, a publicação é abrangente em termos de conteúdos de artes visuais, arquitetura e design, incluindo matérias dedicadas à história da arte [sob o título *flashback*], mas também acerca de artistas contemporâneos pertencentes a contextos amplos em termos de geografia, linguagens artísticas e interesses temáticos. Há notícias sobre abertura de exposições, assim como apresentações e resenhas de exposições relevantes no cenário artístico nacional e internacional. Uma seção de resenhas de livros do campo das artes também pode ser encontrada nos números da revista. Fonte: <https://dasartes.com.br/a-revista/>

10. Prêmio Paulo Mendes de Almeida: destinado à melhor exposição do ano.

1. 35ª Bienal Internacional de São Paulo (São Paulo)

A 35ª Bienal Internacional de São Paulo teve como tema “Coreografias do Impossível” e curadoria coletiva de Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel. Contou com a participação de 121 artistas de diversas partes do mundo e cerca de 1,1 mil obras de diferentes linguagens que se espalharam pelos 30 mil metros quadrados do Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque Ibirapuera. O evento é a segunda bienal mais antiga do mundo e o maior evento de arte contemporânea do hemisfério Sul e das Américas. Após uma extensa pesquisa sobre as urgências dos nossos tempos, os curadores afirmam: "Nosso objetivo foi criar uma edição sem categorias ou estruturas limitadoras. Essa visão nasceu em nossa equipe curatorial, onde abraçamos um sistema descentralizado, afastando-nos das normas tradicionais. Escolhemos conscientemente não ter um curador-chefe, buscando dissolver estruturas hierárquicas. Nossa lista abrange um amplo espectro de formas artísticas e vozes de vários territórios ao redor do mundo. Então, a pergunta que permanece é: como as impossibilidades de nossa vida cotidiana refletem na produção artística? As coreografias do impossível nos ajudam a perceber que diariamente encontramos estratégias que desafiam o impossível, e são essas estratégias e ferramentas para tornar o impossível possível que encontraremos nas obras dos artistas"

2. 1ª Bienal das Amazônias: Bubuia – Águas como Fonte de Imaginações e Desejos, Belém, PA (Pará)

Trazendo como tema “Bubuia: Águas como Fonte de Imaginações e Desejos”, a 1ª Bienal das Amazônias ocorreu em Belém (PA), reunindo obras significativas de mais de 120 artistas, dos nove estados amazônicos brasileiros e de outros oito países que integram a Pan-Amazônia. A curadoria foi realizada por Keyna Eleison, Sandra Benites e Vânia Leal. A fotógrafa Elza Lima foi a artista homenageada pelo evento. A programação da bienal contou com performances, intervenções artísticas, oficinas, palestras, mesas de debates, entre outras ações formativas. O tema foi inspirado na produção teórica e poética de João de Jesus Paes Loureiro, poeta e ensaísta paraense que há décadas reflete sobre a questão das identidades culturais amazônicas. A mostra deslocou a lógica das megaexposições de arte para a região Norte do país, buscando investigar as especificidades culturais de um território que, paradoxalmente, é muito comentado internacionalmente, mas permanece pouco conhecido ou estudado com o rigor crítico necessário.

3. Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro - SESC Belenzinho, São Paulo (São Paulo)

"Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro" é uma das exposições mais abrangentes dedicadas à centralidade do pensamento negro no campo das artes visuais brasileiras já realizadas no país. Sob a curadoria geral de Igor Simões e a curadoria adjunta de Marcelo Campos e Lorraine Mendes, a exposição apresenta obras em diversas linguagens artísticas, como pintura, fotografia, escultura, instalações e videoinstalações. Essas obras foram produzidas por 240 artistas negros, incluindo homens e mulheres cis e trans, de todos os Estados do Brasil, abrangendo um período que vai do fim do século XVIII até o século XXI. Os temas explorados na exposição incluem "Romper", "Branco Tema", "Negro Vida",

"Amefricanas", "Organização Já", "Legítima Defesa" e "Baobá", todos eles referenciados pelos pensamentos de importantes intelectuais negros da história do Brasil, como Beatriz Nascimento, Emanuel Araújo, Guerreiro Ramos, Lélia Gonzales e Luiz Gama. Essa abordagem não apenas destaca a diversidade e a riqueza da produção artística negra no Brasil, mas também oferece uma reflexão profunda sobre a importância do pensamento negro na construção da identidade cultural e artística do país.

11. Prêmio Emanuel Araújo: destinado ao reconhecimento de Coleção/Acervo/Conservação/Documentação histórica

1. Espaço Cultural Casa das 11 Janelas (Museu de Arte Contemporânea – Belém (Pará))

O Espaço Cultural Casa das Onze Janelas foi inaugurado em 2002. Dedicar-se à arte contemporânea brasileira especialmente das regiões Norte e Nordeste. Seu acervo é formado por várias coleções de arte moderna e contemporânea representando artistas locais e nacionais. No seu acervo é possível encontrar a Coleção Funarte originária dos Salões Nacionais de Arte, assim como a coleção: Fotografia Paraense Panorama 80/90. A partir de 2005 ocorreu a transferência de parte das coleções do Museu do Estado para Espaço Cultural Onze Janelas. O Espaço conta com as seguintes espaços: Ruy Meira, Gratuliano Bibas, Valdir Sarubbi e o Laboratório das Artes que permitem um fluxo intenso de mostras, consolidando a Casa como espaço de referência para a Arte Contemporânea Brasileira.

2. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – (São Paulo)

O Museu de Arte Contemporânea foi criado em 1963 quando a Universidade de São Paulo recebeu o acervo do antigo MAM de São Paulo. O MAM era formado pelas coleções do casal de mecenas Yolanda Penteadó e Cicillio Matarazzo, por obras adquiridas ou recebidas em doação, como também pelos prêmios das Bienais de São Paulo até o ano de 1961. Instalado em um complexo arquitetônico criado nos anos 1950 pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe, o MAC USP possui um acervo de cerca de 10 mil obras, entre pinturas, gravuras, tridimensionais, fotografias, artes conceitual, objetos e instalações. É considerado um centro de referência de arte moderna e contemporânea, brasileira e internacional, mantendo à disposição de estudantes, especialistas e do público em geral uma biblioteca e um importante arquivo documental.

3. Centro de Memória Usiminas: Museu de Arte – Ipatinga (Minas Gerais)

O Centro de Memória Usiminas foi criado em 2021 no antigo prédio modernista de Raphael Hardy Filho. Com curadoria de Rodrigo Vivas, o projeto ocupa três grandes espaços do prédio que foi remodelado para receber o Centro de Memória: a história da industrialização no Brasil; do modernismo tendo como protagonismo o prédio tombado, e, especialmente, sua coleção artística. A Usiminas colecionou, ao longo de 60 anos de sua história, obras dos principais artistas brasileiros. O espaço foi remodelado especialmente para receber a coleção artística selecionada pela curadoria. A coleção contempla artistas como Amilcar de

Castro, Franz Weissmann, Bruno Giorgi, Siron Franco, Carlos Scliar, Amélia Toledo, Tomie Ohtake, dentre outros.

12. Prêmio Yêdamaria (Yêda Maria Corrêa de Oliveira): destinado à instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos das artes, em espaços formais e não formais.

1. Evelyn Berg (in memoriam).

Evelyn Berg (*in memoriam* - 1948-2019). Foi socióloga, jornalista e colecionadora de arte, tendo uma importante atuação como agente do campo da arte e da arte-educação. Evelyn foi a primeira mulher a dirigir o MARGS (1983 a 1987) desde sua criação, em 1954. Em 1989, foi instituída a Fundação Iochpe, pelo Grupo Empresarial Iochpe, que escolheu a Educação como foco central de seu investimento social. Evelyn Berg Ioschpe foi diretora-presidente da Fundação Iochpe, mantenedora do Instituto Arte Na Escola. Como presidente do Instituto Arte na Escola (IAE), envolveu-se com pesquisas e projetos voltados para educação. O Instituto Arte na Escola é uma associação civil sem fins lucrativos que, desde 1989, qualifica, incentiva e reconhece o ensino da arte, por meio da formação continuada de professores da Educação Básica. Tem como premissa que a Arte, enquanto objeto do saber, desenvolve nos alunos habilidades perceptivas, capacidade reflexiva e incentiva a formação de uma consciência crítica, não se limitando a auto-expressão e à criatividade. Através do IAE, desenvolveu importantes ações no campo de formação, com cursos, elaboração de materiais didáticos e o reconhecimento de docentes da área de Artes com o Prêmio Arte na escola Cidadã, que de maneira expressiva colaboraram para a difusão e o valorização do ensino de artes no país. É dela a frase “Arte torna os humanos mais humanos”.

2. Bienal da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EBA/UFRJ- IX Bienal EBA 2023 (Rio de Janeiro)

Desde o seu início, em 2007, a Bienal da Escola de Belas Artes tem se dedicado à formação de um espaço de diálogo entre seus diferentes cursos e a sociedade, contribuindo de forma decisiva para a valorização da produção artística universitária. Por meio de uma atuação intensiva no ensino e no pensar artístico, a EBA fez da Bienal um importante canal de ação, estimulando a produção de novos talentos, promovendo a difusão da arte contemporânea e contribuindo para que esta chegue ao público. O evento reúne a produção dos estudantes, numa exposição coletiva realizada em reconhecidos espaços culturais da cidade do Rio de Janeiro. Já foram realizadas nove edições da Bienal da EBA. A cada edição é definido um tema, que tenha representatividade do momento. Entre eles destacam-se: Territórios, Mutações, Tempo, Reflexos e Kaleidoscopio, sendo o último realizado em 2023, com 50 obras expostas abrangendo diferentes modalidades artísticas: pintura, vídeo, desenho, escultura, instalação e *performance*. A curadoria da mostra é formada por professores da Escola, que procura contemplar os treze cursos de graduação,

permitindo que os estudantes se projetem com suas obras. Também são envolvidos os estudantes de pós-graduação, que podem atuar como expositores, autores de textos sobre as obras no catálogo e mediadores culturais em visitas guiadas.

3. Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes (Goiânia)

O Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes é um projeto concebido e dirigido pelo artista Dalton Paula; criado em abril de 2021 e em 2022 iniciou efetivamente suas atividades; está localizado na Região Norte de Goiânia, e seu nome remete a “um paraíso imaginário na terra”, um “refúgio de beleza idílica e tranquilidade” e tem sua origem no livro *O horizonte perdido* (1933), do escritor britânico James Hilton. A proposta é ser um quilombo, um espaço artístico-cultural de compartilhamento de processos criativos e vivências junto ao meio ambiente, tendo sua infraestrutura de ateliers, da Biblioteca Rosana Paulino (com 3 mil títulos voltados ao pensamento afro-brasileiro), cozinha e residências para artistas residentes orientadas por técnicas de bioconstrução sustentáveis. Há cerca de 35 pessoas fixas no espaço, incluindo a diretoria, equipe de assistência de arte, artistas residentes, professores e pesquisadores. Durante atividades como aulas de cerâmica, gravura e capoeira, esse número dobra, pois são formações abertas à comunidade. Atualmente, oferece visitação ao ateliê-escola, aulas de capoeira angola, curso de cerâmica e sessões de cineclube. Tais atividades são abertas à comunidade em geral. No primeiro ateliê aberto houve cerca de 500 visitantes. Em 2023 passaram a ser oferecidos também os cursos de gravura e história das artes afro-brasileiras (online), além de ter iniciado o projeto Sertão Verde (práticas agroecológicas para produção de alimentos orgânicos destinados à cozinha da escola). Também em 2023, Dalton Paula recebeu o prêmio Soros Arts Fellowship da Open Society Foundations pelo projeto "Quilombo-Escola". Esses recursos foram destinados à manutenção da escola e possibilitaram a realização de atividades de formação tais como o Programa de Residência Artística Sertão Negro, que tem contemplado jovens artistas brasileiros e estrangeiros de ascendência africana.

13. Prêmio Gilda de Melo e Sousa: destinado ao reconhecimento de críticos/as, em início de carreira, independentemente da idade, por sua produção, ou engajamento em projetos inovadores de divulgação da crítica de arte.

1. Igor Simões

Doutor em Artes Visuais (PPGAV-UFRGS). Professor Adjunto de História, Teoria e Crítica da arte e Metodologia e Prática do ensino da arte (UERGS). Foi curador adjunto da 12 Bienal do Mercosul. Trabalha com as articulações entre exposição, montagem fílmica, histórias da arte e racialização na arte brasileira e visibilidade de sujeitos negros nas artes visuais. Foi curador da exposição *Presença Negra no Museu de Arte do Rio Grande do Sul*. Integrou o conselho curatorial das exposições: *Social Fabric* (Houston-EUA); *Empowerment* (Volfsburg- Alemanha). Membro do conselho do AWARE - Archives of Women Artists, Research and Exhibitions (France- EUA). Em 2023, foi curador geral de “Dos Brasis: Arte e

pensamento negro”, a mais abrangente exposição de artistas negros brasileiros (Brasil-São Paulo). No mesmo ano foi curador convidado do Instituto Inhotim para a temporada 2023, curando as exposições: *Mestre Didi: Os iniciados no Mistério não Morrem*; *Fazer o Moderno, Construir o Contemporâneo: Rubem Valentim e o Direito à Forma*.

2. John Fletcher

John Fletcher (Belém/PA, 1980). Crítico, curador e professor universitário. Vive e trabalha em Belém, atuando como docente no Instituto de Ciências da Arte da UFPA. Investiga a produção artística contemporânea na Amazônia, atentando às questões étnicas e raciais, de gênero e de(s)coloniais. É Mestre em Artes (UFPA, 2011) e Doutor em Antropologia (UFPA, 2016), com a pesquisa *Arte Pará: Uma Interpretação Antropológica e Visual*, que recebeu o Prêmio Benedito Nunes de Teses de Doutorado (UFPA, 2018). Idealizador e administrador do site *Arte Crítica Pará*, plataforma coletiva de crítica de arte, em atividade desde 2010. Entre as curadorias realizadas destaca-se *Amazônia Presente (2023)*, exposição de acervo no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, em colaboração com Alexandre Sequeira.

3. Marcelo Mari

Doutor em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2006). Mestre em Arte e Produção Simbólica pela Escola de Comunicações e Artes da USP (2001). Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (1997). Atualmente é Professor da Universidade de Brasília. Na UNB, coordena o “Núcleo de Estudos Mário Pedrosa - pesquisa histórico-crítica” que realiza pesquisa histórico-crítica, com ênfase na história da crítica de arte brasileira, sobre a produção artística brasileira e a interlocução entre arte e sociedade a partir do deslindamento das relações dialógicas entre estética, política e dimensão social entre as décadas de 1930 e 1970. Tem experiência em Filosofia, com ênfase na História, Teoria e Crítica de Arte e Filosofia Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: arte moderna, estética, arte e sociedade. Tem trabalhos sobre arte contemporânea brasileira e sobre o crítico Mário Pedrosa publicados no Brasil e no exterior. Em 2023, colaborou na organização da obra *Mário Pedrosa: revolução sensível*, lançado pela SESC Edições/São Paulo; e da obra *Sérgio Rodrigues em Brasília 1956-1981*, lançado pela editora Olhares/São Paulo.

FINALISTAS Prêmio Destaques regionais: destinado aos destaques de cada região do país, sendo que consideramos as cinco regiões – Norte, Sul, Nordeste, Centro Oeste e Sudeste.

Total: 5 destaques regionais, sendo um por região, podendo duplicar prêmio na indicação geral.

Região Norte:

1. Mariano Klautau Filho - Curadoria de exposições

Mariano Klautau Filho (curador geral), Jorge Eiró e Yasmin Gomes, pela curadoria da exposição "À sombra do meu eu", individual de Elieni Tenório realizada na Galeria de Arte Graça Landeira, Museu de Arte da UNAMA (Universidade da Amazônia), Belém (PA). Mariano Klautau Filho vem se dedicando à criação, à pesquisa, à curadoria e à crítica desde os anos 1990. Em 2023, também realizou a curadoria geral de "Despertar" (individual de Pablo Mufarrej), "Modernos Contemporâneos Vol. 2" (coletiva), "Tocar o Céu, Lamber a Cidade" (de Melissa Barberly e Beatriz Paiva) e "Um país chamado Pará" (coletiva). Em sua trajetória, destaca-se a coordenação do projeto de exposição e publicação "Fotografia Contemporânea Paraense - Panorama 80/90", selecionado pelo programa Petrobrás Artes Visuais em 2002; a coordenação do "Colóquio Fotografia e Imagem" realizado pela Associação Fotoativa de 2002 a 2010; a coordenação e curadoria geral do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, criado em 2010 e atualmente em sua 13ª edição; e a curadoria geral da mostra coletiva "Antilogias" (2017), na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doutor em Artes Visuais (USP, 2015). Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP, 1999). É professor da UNAMA desde 2000, atuando na graduação em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura.

2. Afonso Medeiros - Crítico/a associado por sua atuação ou publicação de livro

Nascido em Belém (PA), Afonso Medeiros é crítico, historiador da arte e professor da UFPA, onde atua desde 1989 e exerceu diversos cargos diretivos. Começou sua atividade crítica na extinta Cultura Vozes (1999), publicando desde então em catálogos, revistas, periódicos e sites especializados, no Brasil e em outros países. Autor dos livros "O imaginário do corpo entre o erótico e o obscuro" (2008) e "A arte em seu labirinto" (2013), e coorganizador de "Corpos em divergência" (2022) e "Fronteiras e alteridade: olhares sobre as artes na contemporaneidade" (2014). Pesquisador 1D do CNPq, desde 2022 desenvolve o projeto "Iconografias das (in)diferenças: contradições da historiografia da arte na (re)configuração da modernidade". Foi Vice-Presidente (1990-92) e Diretor de Relações Institucionais (2011-12) da FAEB e Presidente (2013-14) da ANPAP. Graduado em Educação Artística (UFPA, 1985); Especialista em História da Arte (Shizuoka University/Japão, 1988); Mestre em Ciências da Educação (Shizuoka University/Japão, 1996); Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP, 2001), com estágio na Japanese-Language Institute de Ōsaka (2000) e tese sobre o acervo de gravuras ukiyoe do Instituto Moreira Salles. Estágio pós-doutoral na University of Kassel (2003) e na Unifesspa (2017-18).

3. 1ª Bienal das Amazôniaas - Melhor exposição do ano

Trazendo como tema "Bubua: Águas como Fonte de Imaginações e Desejos", a 1ª Bienal das Amazôniaas ocorreu em Belém (PA), reunindo obras significativas de mais de 120

artistas, dos nove estados amazônicos brasileiros e de outros oito países que integram a Pan-Amazônia. A curadoria foi realizada por Keyna Eleison, Sandra Benites e Vânia Leal. A fotógrafa Elza Lima foi a artista homenageada pelo evento. A programação da bienal contou com performances, intervenções artísticas, oficinas, palestras, mesas de debates, entre outras ações formativas. O tema foi inspirado na produção teórica e poética de João de Jesus Paes Loureiro, poeta e ensaísta paraense que há décadas reflete sobre a questão das identidades culturais amazônicas. A mostra deslocou a lógica das megaexposições de arte para a região Norte do país, buscando investigar as especificidades culturais de um território que, paradoxalmente, é muito comentado internacionalmente, mas permanece pouco conhecido ou estudado com o rigor crítico necessário.

Região Sul:

1.IO - Duo de artistas constituído por Laura Cattani e Munir Klamt - Artista contemporâneo

Duo de artistas criado em 2003 e formado por Laura Cattani e Munir Klamt doutores em Poéticas Visuais pela UFRGS. Seus trabalhos nascem de reflexões abarcando áreas como astronomia, biologia e mitologia. Suas obras tomam forma por meio de desenhos, fotografias, vídeos e instalações com materiais simbólicos como sal, alumínio, borracha e chocolate. Realizou exposições e projetos multimídia em diversas cidades do Brasil, bem como Uruguai, Argentina e França. Premiações: Prêmio Especial do Júri no IX Prêmio Açorianos de Artes Plásticas; Melhor Exposição no 2º Prêmio IEAVI; Prêmio Destaque em Mídias Tecnológicas do III Prêmio Açorianos de Artes Plásticas Menção Honrosa nos 1º e 4º Prêmios IEAVI. Indicações: Prêmio Açorianos (8); Prêmio do Júri por trajetória artística. Sua obra está nas coleções do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Fundação Vera Chaves Barcellos, Coleção Casa Niemeyer e Museu de Arte do Rio de Janeiro. Ana Zavadil, curadora-chefe do MARGS, afirma que a produção plástica e visual do duo abarca diferentes linguagens e suportes, sendo vídeos, a fotografia, as intervenções sonoras, as esculturas e as instalações, que culminam em uma arte refinada e questionadora; as múltiplas linguagens das artes visuais se entrecruzam com a literatura, o teatro, a tecnologia e a música, em sutis ou ousadas combinações longe do lugar-comum e do esperado. Fontes: <https://io.art.br/info/> e

<https://www.premiopia.com/artistas/io-laura-cattani/>

2. Exposição 'Etérea", realizada no Instituto Collaço Paulo, em Florianópolis - Melhor exposição do ano

“Etérea” investiga as narrativas atreladas a fé, ao sagrado, profano e devocional, por meio de um recorte da Coleção Collaço Paulo. Com curadoria de Francine Goudel, a mostra evidencia as relações entre ritos, mitos e símbolos, acionando o modo como as tradições religiosas adotaram para se comunicar com os fiéis, mas também acendendo as concepções de heterogêneas abordagens que oportunizam apreender o mundo material e espiritual sob uma nova ótica. Com cerca de cem obras, entre trabalhos artísticos e artefatos de matrizes distintas, perpassa diferentes escolas e países entre os séculos 14 e 21, além de uma ampla gama de linguagens. Estruturada em cinco salas a mostra traz um núcleo dedicado a imagem de São Sebastião, santo mais representado pela história da arte,

bem como de Santa Catarina, jovem que dobrou um império com sua inteligência. Outros dois núcleos apresentam um paralelo entre eruditos e populares, e reúne um conjunto de peças significativas da escola cusquenha. Uma sala dedica-se as crucificações: o martírio literal e simbólico, o papel da violência, da mulher e do prazer. A última sala realiza um simulacro de um templo cristão, põe em evidência as mulheres santificadas e a maternidade. Em sua entrada e bem no centro da mostra figura a obra “Exu” de Gustavo Nazareno. Nomes como Xavier das Conchas, Giacomo Triga, Emeric Marcier, Almeida Junior, Theodore de Bry, Manuel Messias dos Santos, Fernando Lindote e outros, podem ser encontrados em “Etérea”. <http://institutocollacopaulo.com.br/do-humano-ao-divino/>

3. Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (Instituto de Artes - UFRGS) - Reconhecimento de Coleção/Acervo/Conservação/Documentação histórica

A Pinacoteca Barão de Santo Ângelo é responsável pela conservação, restauração, ampliação e divulgação do patrimônio artístico e documental do Instituto de Artes da UFRGS, bem como pelo intercâmbio com a produção artística contemporânea. Atua na promoção e apoio de exposições e eventos ligados ao ensino, pesquisa e extensão na área das Artes Visuais, através das atividades do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do IA/UFRGS. Abrange três setores: Acervo, Galeria e Restauro. Fundada em 1908 com a criação do Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul, vem constituindo acervo significativo através de aquisições incluindo obras dos premiados dos seus salões de Belas Artes e , a partir de 1970, do Salão de Artes Plásticas da UFRGS, além das aquisições por compras e doações de professores, alunos, ex-alunos e membros da comunidade. Sua vinculação estreita com as áreas de Ensino e Pesquisa do IA da UFRGS, dinamizou o setor aportando mais pesquisadores e estudos sobre a coleção e seus artistas. Seu espaço permanente de exposições abriga mostras de longa duração do acervo. Destacam-se a publicação de catálogos da coleção e da elaboração do *web site* da instituição, com a apresentação de obras, biografias, dados históricos e demais informações, disponibilizando o acervo para o grande público. Fonte: <https://www.ufrgs.br/acervopbsa/>

Região Sudeste:

1. Pedro Martins Caldas Xexéo (*in memoriam*) - Personalidade atuante no meio artístico.

O museólogo, curador e crítico de arte, Pedro Martins Caldas Xexéo, natural de Bagé (RS), iniciou sua carreira no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (MG), em 1972. A partir de 1974 começou a desempenhar a atividade de Conservador no Museu Nacional de Belas Artes (RJ), onde desempenhou as funções de Coordenador Técnico e Diretor-Substituto (1978-2001). Por um longo período (2001-2013) foi curador de pintura brasileira do referido Museu. Dedicou-se a História da Arte no Brasil, estudando o século XIX e as primeiras décadas do século XX. Além de realizar diversas curadorias nacionais e internacionais, publicou vários livros relacionados aos seus estudos. Também publicou catálogos e periódicos especializados. Atuou intensamente como palestrante em Seminários e

Colóquios nacionais e internacionais. Foi membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Faleceu em março de 2024.

2. IX Bienal da Escola de Belas Artes Promovida pela Escola de Belas Artes da UFRJ - Instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos das artes, em espaços formais e não formais.

Desde o seu início, em 2007, a Bienal da Escola de Belas Artes tem se dedicado à formação de um espaço de diálogo entre seus diferentes cursos e a sociedade, contribuindo de forma decisiva para a valorização da produção artística universitária. Por meio de uma atuação intensiva no ensino e no pensar artístico, a EBA fez da Bienal um importante canal de ação, estimulando a produção de novos talentos, promovendo a difusão da arte contemporânea e contribuindo para que esta chegue ao público. O evento reúne a produção dos estudantes, numa exposição coletiva realizada em reconhecidos espaços culturais da cidade do Rio de Janeiro. Já foram realizadas nove edições da Bienal da EBA. A cada edição é definido um tema, que tenha representatividade do momento. Entre eles destacam-se: Territórios, Mutações, Tempo, Reflexos e Kaleidoscopio, sendo o último realizado em 2023, com 50 obras expostas abrangendo diferentes modalidades artísticas: pintura, vídeo, desenho, escultura, instalação e *performance*. A curadoria da mostra é formada por professores da Escola, que procura contemplar os treze cursos de graduação, permitindo que os estudantes se projetem com suas obras. Também são envolvidos os estudantes de pós-graduação, que podem atuar como expositores, autores de textos sobre as obras no catálogo e mediadores culturais em visitas guiadas.

3. SESC- São Paulo - Instituição por sua programação.

O SESC São Paulo, Serviço Social do Comércio, criado em 1946 é uma entidade privada voltada ao bem-estar e a qualidade de vida para os trabalhadores desse setor, suas famílias e a sociedade em geral. Atualmente, a rede é composta por 42 Unidades físicas para o atendimento ao público, instaladas na Capital, Grande São Paulo, interior e litoral. Em 2023 atendeu a um número próximo de 27.000.000 de pessoas. O ano de 2023 foi marcado pela despedida de Danilo Santos de Miranda, quem dirigiu a instituição ao longo de quatro décadas, a quem a diretoria da ABCA rende homenagens. No campo das Artes Visuais o SESC abraça um conjunto programático formado por exposições, intervenções, performances, ações educativas, cursos e oficinas, em diálogos transversais com outros programas da instituição além administração do Acervo Sesc de Obras de Arte. O conjunto programático do ano 2023, a instituição realizou 30 grandes exposições apresentadas na Capital e 19 no interior do estado de São Paulo, em que se promoveu visitas guiadas e livres, cursos e oficinas temáticas. Um dos grandes destaques do ano foi o projeto *Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro*, proposta que reuniu 240 artistas negros de todo o país.

Região Nordeste:

1. Museu de Arte Moderna da Bahia - Instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos das artes, em espaços formais e não formais

Criado em 1959 em Salvador (BA), é o principal museu de arte moderna e contemporânea da Bahia, com grande relevância nacional. No decorrer de seis décadas, sua estrutura contou com projetos arquitetônicos de nomes como Lina Bo Bardi e Rosa Grena Kliass. Sua programação oferece mostras temporárias simultâneas, exposições permanentes (incluindo o Parque das Esculturas, externo) e eventos artísticos diversos. Possui um programa permanente de ações educativas. Em 2023, além de grandes exposições a partir de seu acervo, o MAM Bahia também acolheu mostras temporárias importantes, como as exposições comemorativas sobre Mário Cravo Júnior (“Mário Cravo Jr. - Legado - 100 anos”), e Walter Firmo (“Walter Firmo: no verbo do silêncio a síntese do grito”).

2. Bienal Internacional do Sertão - Instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos das artes, em espaços formais e não formais

Projeto independente fundado em 2012, promove exposições de arte, intercâmbios, residências, aquisições e doação de obras a acervos, monitoria, oficinas de arte e pesquisa, conversas de artistas, projetos paralelos e outras atividades, com parcerias entre museus, universidades, casas de cultura, poder público, ateliês, coletivos e artistas brasileiros e estrangeiros. Em 2023, foi realizada a VI Bienal do Sertão de Artes Visuais sob o tema “Educar a paisagem”, com curadoria de Denilson Santana (comissário geral), Lucas Dilacerda, Matteo Bergamini e Renata Lima. De caráter itinerante, a edição de 2023 foi realizada na região do Cariri cearense, nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Santana do Cariri. A bienal trabalha com dois núcleos de pesquisa, um histórico e outro contemporâneo, com chamada pública para participação de artistas e curadores.

3. Cícero Alves dos Santos - Véio - Artista contemporâneo.

Artista nascido em 1947, na cidade de Nossa Senhora da Glória (SE), trabalha na interseção entre as questões da arte popular nordestina e da arte moderna e contemporânea global. Autodidata, começou a produzir ainda na infância, modelando com cera de abelha, depois adotando a madeira como matéria-prima. Se apropria de troncos mortos e aplica cores vibrantes sobre eles, ou, em outros casos, entalha pequenas figuras em pedaços de madeira mantida crua. Ao longo da vida, opta por se dedicar exclusivamente às suas esculturas, causando estranheza à família e conhecidos. Criou o Museu do Sertão, no Sítio Soarte em Feira Nova (SE), reunindo um acervo de 17 mil obras suas, que investigam a memória e os modos de vida da população regional. Véio participou de grandes exposições nacionais e internacionais, como a mostra coletiva “Teimosia da Imaginação” (2012, Instituto Tomie Ohtake) e 56ª Bienal de Veneza (2014, Itália). Suas obras estão em importantes acervos institucionais, como Fundação Cartier (França), Museu AfroBrasil (SP), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte do Rio e Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em 2017 recebeu o Prêmio Itaú Cultural 30 anos, e em 2024 recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Sergipe.

Região Centro oeste:

1. Benedito Ferreira - Artista Contemporâneo

Benedito Ferreira, artista visual e pesquisador nascido em Itapuranga (GO) em 1989, atualmente reside e trabalha em Goiânia (GO). Doutor em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sua trajetória artística é marcada por profunda investigação sobre a imagem como forma de escrita, explorando a poética dos arquivos e seus usos, desafiando os limites entre o "documento" e a "ficção". Trabalha com audiovisual, objetos, instalação, cenografia e fotografia, sem estabelecer hierarquias entre os meios. Sua produção artística envolve uma abordagem crítica que tanto exalta quanto desmistifica certas concepções de coleção e identidade goiana. Isso se manifesta em sua abordagem da memória traumática do césio-137 e suas implicações sociais, bem como na destruição de arquivos de uma cavalgada que o artista participou pelo oeste do estado de Goiás. Ferreira utiliza a ficção como uma estratégia de futuro, explorando a intersecção entre entrevistas, lirismo e trivialidade na documentação da região central de Goiânia. Nos últimos anos, sua obra tem sido exibida em países como Portugal, França, Alemanha, Romênia, Uruguai e Coreia do Sul. Seu trabalho integra o acervo do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA – RJ), Museu de Arte Contemporânea de Jataí (GO), Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS – GO), Pinacoteca Municipal Miguel Dutra (SP), Netherlands Institute for Sound and Vision (Holanda) e Itaú Cultural (SP).

2. Exposição coletiva “Atualização do sistema”, na galeria principal do Museu Nacional da República - Melhor exposição do ano

A exposição *Atualização do Sistema*, com curadoria de Ana Avelar, apresentou cerca de 140 obras organizadas em seis núcleos na galeria principal do Museu Nacional da República (DF). O assunto principal foi a tecnologia como mecanismo que perpassa o cotidiano de todas as sociedades humanas. A exposição apresentou obras de arte tecnológicas, feitas com celular ou equipamentos contemporâneos, até obras cuja materialidade encontra-se no cotidiano, a saber bancos, funis ou pás. A exposição foi realizada com obras do acervo do próprio Museu Nacional da República, mas também com empréstimos das coleções das galerias Almeida & Dale, da Casa Albuquerque e da Cerrado Galeria. Entre as obras, havia trabalhos de Gilberto Prado e Suzette Venturelli, referências na produção de arte e tecnologia, Bia Medeiros e *Corpos Informáticos* (pesquisadores de videoarte e performance), além de nomes importantes da arte contemporânea brasileira, como Alfredo Volpi, Fayga Ostrower, Cildo Meireles, Jac Leirner, Nelson Leirner, Mira Schendel, Antonio Henrique Amaral, Almandrade e Augusto de Campos.

Associação Brasileira de Críticos de Arte

Diretoria da ABCA – 2022 , 2023 e 2024.

A diretoria da ABCA exerce a função no triênio 2022 - 2023 - 2024 é composta por:

Presidente: Sandra Makowiecky (SC)

1ª.Vice-Presidente: Priscila Arantes (SP)

2º.Vice-Presidente: Carlos Terra (RJ)

1ª. Secretária: Gabriela Abraços (SP)

2º. Secretário: Rodrigo Vivas (MG)

1ª. Tesoureiro: Francine Goudel (SC)

2º. Tesoureiro: Hécio Magalhães (SP)

Vice-Presidentes Regionais:

Região Norte/Nordeste: Gil Vieira Costa (PA)

Região Centro-Oeste: Ana Lúcia Beck (GO)

Sudeste: Leonor Amarante (SP)

Sul: Luana M. Wedekin (SC)

Conselho Fiscal

Titulares:

Afonso Medeiros (PA)

Felipe Soeiro Chaimovich (SP)

Maria Luisa Luz Távora (RJ)

Suplentes:

Maria José Justino (PR)

Ricardo Viveiros (SP)

Sandra Ramalho e Oliveira (SC)

Além da diretoria, a ABCA conta com comissões de trabalhos e sócios colaboradores em diversas atividades, que seguem contribuindo com o bom funcionamento da associação:

Comissões especiais

1. Comissão de credenciais

Agnaldo Farias (SP)

Alessandra Mello Simões Paiva (BA)

Ângela Âncora da Luz (RJ)

César Romero (BA)

Elisa de Souza Martinez (BSB)

Luana M. Wedekin (SC)

Ana Lúcia Beck (GO)

2. Comissão de ética

Almerinda Lopes (ES)

Blanca Luz Brites (RS)

Lisbeth Rebollo Gonçalves (SP)

Maria Amélia Bulhões Garcia (RS)

Percival Tirapeli (SP)

3. Comissão de Pluralidade Crítica

Alecassandra Matias de Oliveira (SP)

Alessandra Mello Simões Paiva (BA)

Alexandre Sá (RJ)

Almerinda Lopes (ES)

Leila Kiyomura (SP)

Priscila Arantes (SP)

Raul Córdula (PB)

Robson Xavier da Costa (PE)

Jornal da ABCA

Leila Kyiomura (SP) EDITORA

Colaboradores

Alecassandra Matias de Oliveira (SP)

Donny Correa (SP)

Leonor Amarante (SP)

Maria Amélia Bulhões Garcia (RS)

Mídias sociais e ABCA Informa

Viviane Baschiroto (SC)

Site ABCA, design e diagramação

Fernanda Pujol

<https://abca.art.br>

abca.art.br@gmail.com

<https://abca.art.br/abca-informa/>

<https://www.instagram.com/abca.oficial/>

<https://www.facebook.com/abca.arte>